

OS DONOS DA BOLA: ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA LIGA MBYA GUARANI DE SANTA CATARINA

Recebido em: 30/08/2025

Aprovado em: 06/11/2025

Licença: 

*Emily Ethel Chika da Silva*¹

Universidade do Estado de Santa Catarina(UDESC)

Florianópolis – SC – Brasil

<https://orcid.org/0009-0007-6493-4709>

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo compreender como estudantes da educação básica se apropriaram da história e cultura indígena a partir dos escudos dos times de futebol da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina. Desenvolvendo narrativas históricas com elementos culturais e históricos acerca da cultura indígena e formulando o seu próprio time de futebol. O estudo contempla as possibilidades do uso da categoria de futebol para o ensino de história, tecendo conexões acerca do futebol colonial Manga Ñembosarái e do futebol moderno. As atividades que viraram fontes para a análise deste artigo, foram desenvolvidas como parte das aulas do Estágio Curricular Supervisionado III do curso Licenciatura em História, oferecido pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Ensino de história. História indígena.

THE OWNERS OF THE BALL: TEACHING INDIGENOUS HISTORY BASED ON THE MBYA GUARANI LEAGUE OF SANTA CATARINA

ABSTRACT: This study aims to understand how elementary school students appropriated indigenous history and culture based on the shields of the soccer teams of the Mbya Guarani League of Santa Catarina. They developed historical narratives with cultural and historical elements about indigenous culture and created their own soccer team. The study considers the possibilities of using soccer as a tool for teaching history, weaving connections between colonial Manga Ñembosarái soccer and modern soccer. The activities used as sources for the analysis in this article were developed as part of the Supervised Curricular Internship III classes of the History Degree course offered by the State University of Santa Catarina (UDESC).

KEYWORDS: Soccer. History teaching. Indigenous history.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História do Tempo Presente na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Vinculada ao Laboratório de História Pública e Patrimônio Cultural (LABHPAC/FAED).

Estudantes em Campo

Historicamente os povos indígenas eram subjugados apenas a um conteúdo das aulas de história, sobretudo porque a temática era agrupada a chegada dos portugueses em 1500 nas Américas, e as sucessivas políticas de genocídio indígena. Condenando assim, a história indígena a um passado distante. Entretanto, com a implementação do texto da lei 11.645/2008 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena dentro de sala aula em todos os níveis de ensino público e privado, da educação básica, esse contexto tem se transformado. Colocando a história da luta dos povos indígenas com mais ênfase dentro das salas de aula, embora para muitas estâncias dos estudantes do ensino básico os povos indígenas ainda são vistos como populações distantes, e com realidades muito diferentes destes discentes, especialmente quando se trata de estudantes de escolas inseridas no meio urbano. Isso decorre em grande medida pelas abordagens escolares tradicionais. Alguns pesquisadores inclusive, apontam que a permanência do uso dessas abordagens contribuem para a solidificação de preconceitos de conhecimento vulgar e comum na sociedade.

Nesse sentido, ao ser entrevistado por Maria Aparecida Bergamaschi (2013), o antropólogo Gersem Baniwa constroi a ideia de deseducação, uma forma de “aprender a reconhecer os erros aprendidos na escola” (Bergamaschi, 2013), uma vez que para respeitar e valorizar é preciso conhecer a multiculturalidade dos povos indígenas, sem deturpações e equívocos históricos. Para Baniwa, é só depois da deseducação que é possível construir uma educação baseada em visões de mundo capazes de construir uma realidade menos eurocentrada. Mas e quando a proposta de trazer uma didática menos eurocentrada para a sala de aula, acontece com estudantes de 11 e 12 anos, que estão no começo da sua formação escolar? Que passaram por dois anos de estudos em casa

forçadamente por causa de uma pandemia? Essa deseducação para discentes no início da vida escolar é muito mais sobre os pré-conceitos dos “conhecimentos vulgares” trazidos de casa e reproduzidos em sala de aula do que aqueles dispostos nos currículos escolares. Assim os conteúdos ensinados precisam dialogar com a vida cotidiana dos estudantes para uma efetiva reeducação das suas visões de mundo, a partir do conhecimento histórico adquirido, e por eles significados (Caimi, 2007). E para os estudantes do sexto ano, nenhuma temática dialoga mais com o cotidiano dos alunos que a prática de lazer popular com bola. Assim me utilizei do amado e odiado futebol, para dialogar sobre a cultura e história indígena de Santa Catarina.

Nessa perspectiva, esse estudo analisa as experiências vivenciadas no contexto da prática docente do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) ocorrido no segundo semestre do ano de 2024, realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A prática regente foi exercida com os discentes do sexto ano da escola, e teve como conteúdo “História dos Povos Indígenas”. A abordagem temática se ancorou na lei 11.645/2008, nos teóricos da Nova História Indígena e nos estudos acerca das práticas esportivas dos povos indígenas, explorando a categoria e a prática do lazer dos povos indígenas e suas significações, bem como a prática de lazer dos estudantes a partir do futebol moderno.

Para esta análise, proponho explorar o futebol como abordagem temática para o ensino de história indígena, a partir da Liga Mbya Guarani de Santa Catarina, para subverter o imaginário eurocêntrico de um dos esportes mais praticados e assistidos no Mundo, incluindo pelos estudantes do 6ºA. Para essas reflexões, a metodologia adotada

foi a análise de desenhos e a escritas dos estudantes ao produzirem dezessete clubes de futebol no qual se apropriaram da temática da história e cultura indígena.

Primeiramente neste relato discutiremos de forma ampla as imbricações do futebol moderno nos esportes tradicionais dos povos originários sul-americanos, bem como as concepções de lazer e cultura ao entorno do futebol e como se encontram atualmente as ressignificações desse esporte, especialmente no estado de Santa Catarina.

Depois, abordaremos como se deu metodologicamente a atividade realizada pelos estudantes. A partir do texto produzido por mim enquanto regente da turma, intitulado “Os povos guaranis no futebol moderno: A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina”. Após esse momento, analisaremos de maneira geral a recepção da atividade pelos estudantes bem como os elementos mobilizados pelos alunos na construção de cada clube como arcos, flechas, árvores, elementos naturais e as cores utilizadas nos desenhos e os respectivos significados atribuídos pelos próprios discentes.

O Futebol Moderno Disputa a Bola da História

O esporte é por vezes um tema ligado ao ambiente escolar, seja por meio de desfiles cívicos, clubes, ligas ou associações. Foi por meio da educação que os esportes foram introduzidos nos currículos escolares como uma forma de “criar cidadãos fortes”, a partir da ideia de disciplina. Na América do Sul esse princípio seria a base de um projeto que buscava o “fortalecimento” das novas repúblicas (Brown, 2024, p.137).

Entretanto, a categoria “esporte” como hoje é conhecida, está diretamente ligada à modernidade, ou seja, as práticas corporais, de lazer que os escrivães britânicos definiram com “regras”. Uma vez que eram nesses códigos britânicos que os educadores físicos das escolas sul-americanas do século XX se inspiravam para desenvolver a

população civil para os esportes (Brown, 2024). Esses professores viam nas práticas esportivas, uma maneira de trazer o conceito de disciplina para a organização da República e assim superar o legado colonial. Dessa forma se concretizou a concepção de que para ser um esporte, era preciso ser institucionalizado, isto é, ter suas regras sancionadas por escrito. Assim definiu-se que tudo aquilo que era realizado pelos povos que estavam na América do Sul antes da chegada dos europeus não era definido como um esporte, e sim uma prática corporal, ou mesmo um ritual. Logo, as práticas esportivas realizadas pelos povos indígenas ao longo do continente sul americano, foram categorizadas como desorganizadas e indesejadas sendo gradativamente silenciadas pelas elites locais (Brown, 2024).

Muitos são os exemplos de esportes que só se tem o registro por causa do empenho dos folcloristas e antropólogos do início do século XX, que desejavam comprovar que na América já existiam práticas esportivas anteriores a chegadas dos jogos modernos e codificados (Brown, 2024). Bartolomeu Meliá, jesuíta, antropólogo, linguista, e um dos grandes especialistas em Missões Guarani no Paraguai é o defensor da teoria que os guarani teriam inventado o futebol, uma vez que estes já jogavam um esporte denominado de *Manga Ñembosarái*². Ele sustenta essa hipótese com base na obra “Tesouro da língua guarani”, escrita pelo jesuíta Antonio Ruiz de Montoya, editada em Madri em 1639. A obra escrita pelo missionário, narra sua chegada à bacia do rio Paraná, ao sul da Amazônia e sua surpresa ao ver indígenas jogando com os pés

²A hipótese reforçada por Meliá está documentada no audiovisual “Los Guaranies Inventaron el fútbol”, produzido pela Secretaria Nacional de Cultura no ano de 2014. Destaco aqui, que não cabe no texto fazer uma discussão sobre os usos políticos de um audiovisual produzido e ou financiado pelo Governo de um país, mas ao deixar a produção como referência cabe a mim como historiadora lembrar, que como qualquer documento produzido por órgãos de Estado, o documentário requer um olhar crítico e atenciosos daqueles que o assistem.

uma bola feita de resina de árvore. Montoya não descreve os usos da *pelota*³, afinal a sua obra tinha caráter linguístico, e não histórico ou memorialístico.

Entretanto, o relato de Montoya é válido para ressaltar e comprovar que já nos primeiros anos de século XVII, “os Guarani da Região das Missões confeccionavam bolas de borracha e que essas bolas eram importantes culturalmente” (Pereira, 2023, p. 95). Partindo da perspectiva de que os povos guarani podem ter inventado o futebol diário dos estudantes do sexto ano, parto ainda da perspectiva guarani de território a partir da concepção de *Guatá*⁴ para tecer conexões com a população guarani que vive hoje em Santa Catarina e que realiza a prática do futebol moderno⁵. Competição que acontece anualmente, unindo aldeias de todo o estado de Santa Catarina. Em sua quinta edição (2024), conta com aldeias dos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. Colocando a competição como “possivelmente uma das maiores competições indígenas do país” (Pereira, 2023, p. 138).

Ao utilizar o futebol enquanto uma categoria de análise, é possível ainda tecer conexões do *Manga Ñembosarái* e o futebol moderno, alinhado a uma perspectiva da Nova História Indígena, visto que, como define a professora Luisa Tombini Wittmann (2015, p. 16 - 17):

Na escrita da Nova História Indígena, busca-se levar em conta a perspectiva dos próprios indígenas e colocar em cena suas interpretações da história [...]. As ações dos sujeitos indígenas devem ser observadas a partir das suas experiências sociais e culturais específicas, com objetivos próprios. Uma análise nesse sentido se torna viável com a recusa da noção de cultura estática, que engessa as ações dos sujeitos históricos. Em vez de difundir a ideia comum de cultura como um sistema rígido, é interessante percebê-la na

³ Termo que define uma bola pequena, ou mesmo bola em espanhol.

⁴ Na concepção guarani, *Guatá* (caminhar), significa um território não estático e sem fronteira, aparentemente fragmentado na visão ocidental, mas fortemente conectado devido à conexão das pessoas e seus intercâmbios culturais com o território (Ivarra Ortiz e Machado, 2018).

⁵ A utilização do futebol enquanto prática esportiva que contribuiu para o intercâmbio cultural e ancestral da população guarani a partir da sua própria concepção de território, foi estruturada e estudada pelo geógrafo Me. Gabriel Pereira (2023) ao escrever a dissertação sobre a Liga Mbya Guarani de Santa Catarina (2023). Para mais informações, consultar a dissertação: “Liga De futebol Mbya Guarani de Santa Catarina: território, mobilidade e cultura *yvy rupa, djaguatá ha’e nhandereko*” de Gabriel Pereira, 2023.

vivacidade das relações sociais, que, em um dinamismo constante, apresentam trocas, conflitos, negociações, acomodações, ressignificações (grifos da autora, 2025).

Nesse sentido, percebe-se o futebol como uma manifestação cultural não estática e possivelmente ancestral do povo Guarani como relembra Pereira (2023). O futebol aqui é, então, utilizado como uma “linguagem comum” da história, de forma coloquial e com elementos que compõem o cotidiano dos estudantes, os discentes conseguem contrapor a visão eurocêntrica dos povos indígenas, os colocando sob a ótica da “dinamicidade cultural” (Kayapó, 2019, p. 73). Percebendo-os como populações com culturas e relações sociais mutáveis, que estão inseridas no mesmo tempo presente de suas próprias vidas enquanto estudantes não-indígenas, e que compartilham a mesma linguagem cultural. E assim esse símbolo (o futebol) passa a ser dotado de sentido e significação histórica.

Para a Nova História Indígena, um dos pilares é compreender o indígena como “sujeito histórico que age conforme sua própria leitura de mundo” (Wittmann, 2015, p. 17), ou seja compreender como o futebol pertencente a cultura guarani, e que se transforma junto ao povo, se manifestando na contemporaneidade a partir da própria perspectiva do população guarani. Para Roberto Damatta (1982), “O esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de certa perspectiva” (Damatta, 1982, p. 24), sejam ideologias, rituais, gestos, objetos e afins. Esses construtos que compõem o futebol, são manifestações culturais capazes de representar e de certa forma narrar a história de indivíduos e grupos, que diferem em temporalidades e espaços mas coexistem simultaneamente na mesma sociedade.

Dessa forma, conectar o futebol colonial indígena ao futebol moderno não é abdicar do valor histórico, ou intelectual, do currículo escolar da história, mas sim encontrar meandros que garantem que a população indígena seja protagonista da sua

própria história. A partir de práticas culturais de lazer compartilhadas no mesmo tempo-espaço com a população não-indígena. Além de encontrar uma temática que viabilize uma maior apropriação deste conhecimento para com os estudantes (Caimi, 2007), a partir do encurtamento dos conteúdos curriculares e o cotidiano dos discentes. Uma vez que a prática esportiva do futebol acontece diariamente de diferentes formas com os estudantes, seja nos moldes de atividade física, entretenimento, publicidade, imagens nos espaços urbanos, jogos de videogame e os diversos símbolos em torno do futebol, replicados pela indústria cultural nos mais variados espaços de circulação humana. O campo esportivo⁶ do futebol é vasto, e mesmo que não desejamos, estamos inseridos nele.

Se utilizar dessa categoria tão presente, que é o futebol, é fazer com que os estudantes deem sentido e significação ao conteúdo histórico, resultando em uma sólida aprendizagem (Caimi, 2007). Ao defender exercícios e atividades diversificadas que dizem respeito ao ensino de história e cultura indígena, o professor Edson Kayapó (2019) ainda relembra:

Tal iniciativa busca romper o silêncio, dando audibilidade e visibilidade aos povos indígenas, demonstrando que suas histórias e culturas são contemporâneas, vivas e se relacionam com o presente e o passado, num movimento de tensão social dinâmico, que pressupõe a perda, manutenção e resignificação dos modos de vida desses povos em contato com a cultura não indígena (Kayapó, 2019, p. 72).

Dessa forma, a metodologia utilizada para a elaboração da aula foi expositiva dialogada, buscando uma participação ativa do estudante, partilhando e

⁶ A categoria “campo esportivo” aqui, é compreendida de acordo com a definição articulada pelo sociólogo Pierre Bourdieu em 1990. O autor define o campo esportivo como o universo envolto das práticas esportivas. Essas não podem ser dissociadas dos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos nos quais está inserido, e que, portanto, sofre interferências externas, dos agentes econômicos que estão constantemente disputando pelo monopólio do campo. De forma bruta, para Bourdieu (1990), o campo é definido pelo o universo ao entorno da prática esportiva, indo desde ao comércio até as interações humanas.

problematizando o material de apoio. Indo assim ao encontro das perspectivas mais críticas da educação, entendendo o aprendizado histórico enquanto processo reflexivo, contrapondo uma educação mnemônica. Foi então utilizado três textos de apoio desenvolvidos exclusivamente para a aula, para que fossem lidos de maneiras conjuntas com os estudantes. Utilizei ainda o apoio do projetor, com a finalidade de oferecer um conjunto documental aos discentes, dando a chave para análise um contexto cultural mais amplo (Wittmann, 2015). Os textos respectivamente foram intitulados “Futebol: Um gol Guarani”; “Manga Ñembosarái: o futebol pré-colonial Guarani” e “Os povos guaranis no futebol moderno: A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina⁷”;

Com base na leitura e problematização dos textos, os estudantes se apropriaram da temática em volta da cultura guarani e como o esporte estava presente nas *tekoas*⁸ e na história indígena. O último texto lido em conjunto foi a base para o desenvolvimento das fontes analisadas neste relato. Uma vez que foi a partir dele que os estudantes analisaram a cosmopercepção guarani presente nos escudos da Liga Mbya. A exemplo dos dois emblemas abaixo:

⁷ Os textos intitulados: “Futebol: Um gol Guarani”; “Manga Ñembosarái: o futebol pré-colonial Guarani” e “Os povos guaranis no futebol moderno: A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina” foram respectivamente desenvolvidos por mim enquanto regente da turma, partir dos estudos da bibliografia citada no decorrer deste artigo. O conteúdo foi adaptado para uma linguagem acessível e de fácil compreensão aos estudantes, resultando em três pequenos excertos, que os discentes colaram no caderno no início da aula, complementando os estudos de aulas anteriores acerca da cultura guarani.

⁸ Em guarani é definido como “*o lugar do modo de ser guarani*”, sendo esta categoria *modo de ser (tekó)*. Na frase faz referência às aldeias (tekoa kuery) presentes na Liga.

Figura 1: A cosmopercepção guarani presente nos escudos da Liga Mbya



Fonte: Gabriel Pereira, 2023.

O primeiro escudo da equipe masculina da *tekoa kuery*, Kyre'Ymba, diz respeito há um “subgrupo de guerreiros do povo guarani, na história a maior parte dos Kyre'Ymba foram mortos pelos colonizadores” (Pereira, 2023, p.152). Enquanto o segundo escudo, é da equipe Ygua Porã da *tekoa kuery* Ygua Porã de Biguaçu, Santa Catarina. A liderança Kerexu Yxapyry conta ser a representação gráfica da criação do mundo na visão cosmológica do povo guarani:

Nhanderu, 'nosso pai', o deus criador, era apenas um verbo, um fogo, que ainda não tinha corpo. Poderoso, *Nhanderu* começou a imaginar o mundo, e assim, conforme ele imaginava, foi sendo criado. Primeiro ele imaginou uma lança ou uma flecha de madeira que muito rapidamente veio do céu e caiu sobre as águas fincando-se nelas. Essa flecha de madeira, em contato com a água, gerou uma bela e cheirosa flor em sua ponta. Nesse momento, surge um pássaro pequeno que vem apreciar o seu perfume. Esse pássaro, *maino 'i*, que conhecemos como colibri ou beija-flor, no seu intenso bater de asas tocou a ponta de uma de suas asas no fogo celeste e arremessou faíscas desse fogo sobre as águas. Kerexu Yxapyry (Pereira, 2023, p. 153).

Estes dois exemplos, estavam contidos no texto “Os povos guaranis no futebol moderno: A Liga Mbya Guarani de Santa Catarina”, e foram demonstrados no projetor junto a outros escudos de times que compõem a Liga Mbya Guarani, para que os estudantes pudessem analisar de forma detalhada cada cor e símbolo disposto nos emblemas e se inspirarem. Esses exemplos mostram uma pequena parte dos subsídios fornecidos aos estudantes para elaboração da atividade, além de serem apresentados a

modelos de grafismo da cultura mbyá guarani e seus respectivos significados⁹. Explorando assim, as duas metodologias de aulas propostas no estágio docência, aula-oficina e aula expositiva dialogada. Dessa forma, a proposta avaliativa consistia na criação de um clube futebolístico inspirado na cultura e história guarani, com uma breve descrição dos elementos utilizados. A criação era realizada em uma “ficha de criação”, uma folha que elaborei com lacunas para cada objetivo avaliativo proposto, sendo estes separados em: escudo do clube, nome, apelido e história do time ou do escudo.

Figura 2: Ficha de criação de clube

FICHA DE CRIAÇÃO DE CLUBE ESPORTIVO INDÍGENA	
LIGA APLICAÇÃO	
ESCUDO:	DATA DE FUNDAÇÃO:

	NOME DO CLUBE
	<input type="checkbox"/> FEMININO <input type="checkbox"/> MASCULINO
	APELIDO DO CLUBE
	PRESIDENTE DO CLUBE:
HISTÓRIA DE FUNDAÇÃO E DO ESCUDO:	
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	

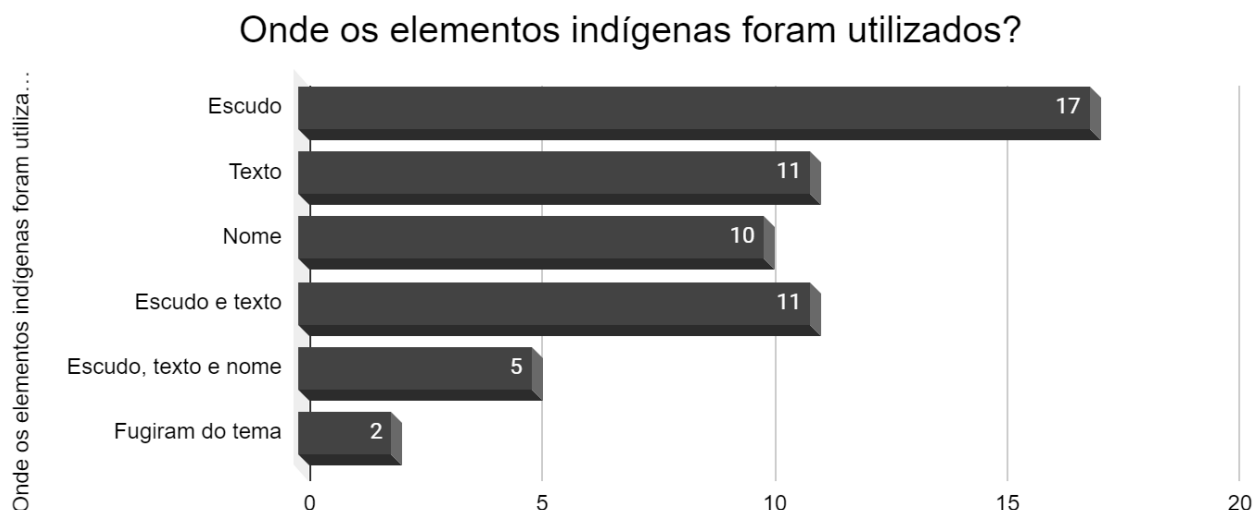
Fonte: Da autora, 2024.

⁹ Os discentes foram apresentados a uma pequena tabela com 6 grafismos indígenas elaborado por Isadora Benassi, no seu artigo intitulado “O Design como meio de valorização do artesanato indígena Guarani”, 2017, na qual analisa o artesanato indígena Guarani Mbya de Santa Catarina. Para mais informações consultar o texto mencionado.

A Cultura Guarani Toma o Passe de Bola: a Liga Indígena do Sexto Ano e o Caso do Natural Futebol Clube

A Liga do Sexto Ano contou com 21 clubes inscritos, entretanto nem todos seguiram as regras de criação. Sendo desclassificados 3 clubes. Assim, dos 21 estudantes presentes no dia de realização da atividade, 18 discentes alcançaram os objetivos de criação do clube, sendo as análises gerais deste relato referente a estes 18 trabalhos. É válido ressaltar, que a intenção da atividade era o desenvolvimento de um escudo de um time de futebol e uma narrativa que descrevesse os elementos contidos no desenho. Podendo ser a história da fundação do clube ou uma justificativa de uso dos elementos e cores que interseccionavam a história indígena do povo guarani. Dessa forma, não quer dizer que os 3 estudantes não preencheram nenhuma das lacunas da ficha de criação, os três desenvolveram os escudos mas uma vez que não há a narrativa histórica que explique o conteúdo gráfico desenvolvido por eles, não é possível identificar quais conhecimentos que os estudantes articularam ao desenvolver o emblema do clube, não completando os objetivos da proposta pedagógica para uma avaliação concisa.

Gráfico 1: Onde os elementos indígenas foram utilizados?



Fonte: Da autora, 2024.

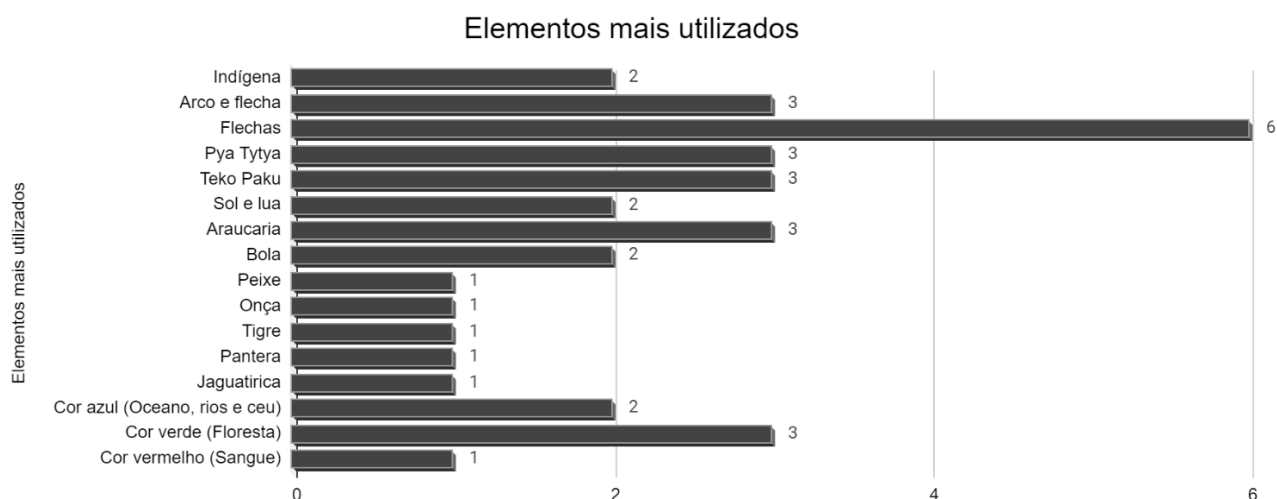
Ao longo das aulas ministradas se percebeu uma maior facilidade dos estudantes com as atividades que envolviam desenho, dessa forma a proposta de desenhar um escudo foi muito bem recebida pela turma e todos os discentes presentes na sala de aula participaram. Além do mais, a aula foi ministrada uma semana antes das olimpíadas escolares, os discentes estavam entusiasmados com a possibilidade de criar um time e falar sobre o esporte que iriam jogar na competição escolar. Outro tópico que talvez influenciou a maior adesão dos estudantes na aula, foram os Jogos Olímpicos de Paris de 2024, os quais aconteceram de 26 de julho a 11 de agosto de 2024. Algumas semanas anteriores à data da realização da atividade. E embora com uma organização eurocentrada, uma vez que os jogos aconteciam no verão para o hemisfério norte e ao inverno para o hemisfério sul, a transmissão das práticas aconteciam simultaneamente ao redor do globo. Vale o destaque que a Olimpíada de 2024, foi a olimpíada mais assistida da história, uma vez contou com o amplo compartilhamento nas redes sociais, os estudantes estavam a par desse acontecimento, faziam parte dele, e assim

compartilhavam desse ideário esportivo eurocêntrico que era transmitido. Para tanto, havia um “clima esportivo” no ar

Como condição avaliativa, foi estabelecido no mínimo 10 linhas para a justificativa do emblema do clube, condição que desestimulou alguns estudantes, contraste que se evidencia no gráfico. Dos 18 estudantes que completaram a atividade, alguns desenvolveram um emblema futebolístico baseado em desenhos e ou cores que representam a cultura e história guarani e não explicaram, ou ao contrário, não desenharam um escudo inspirado na história indígena, mas ao escrever a narrativa lembraram de articular elementos da história indígena que foram lecionados ao longo das aulas de regência.

Para uma inspeção geral da turma, é interessante ainda fazer uma análise de quais elementos foram mais citados, seja de forma escrita ou de forma gráfica. Assim o diagrama abaixo exemplifica de forma mais detalhada os elementos e cores mais mobilizados pelos estudantes.

Gráfico 2: Elementos mais utilizados



Fonte: Da autora, 2024.

Chama atenção o uso da flecha, e se contabilizar o uso de arco e flecha e a flecha sozinha, se totaliza 12 estudantes que repetiram estes elementos. Já nas justificativas escritas sobre os usos dos elementos as repetições são poucas, e o maior argumento reproduzido pelos discentes foi que a “flecha” representa a “cultura indígena” ou “a caçada”. Enquanto aqueles que utilizavam arco e flecha a justificativa frequente foi que o símbolo era o representante da “força indígena” ou da “guerra”. Essa aproximação com a ideia de força e guerra pode ser vinculada também com o uso da cor vermelha. Dois dos estudantes que colocaram ela no escudo justificam seu uso como lembrança do “sangue” das caçadas.

Nesse sentido, é perceptível que os estudantes utilizam elementos que denotam poder, seja na forma de uma dominação sobre os animais a partir da caçada e do arco e flecha quando essas continham justificativas relativas à caça. Ou poder na força da guerra, quando escrevem “força indígena” e “guerra”, nesse sentido a percepção pode ser tanto para aquela imagem dos povos indígenas que lutaram contra os colonizadores quanto para a luta pela sobrevivência desses povos no tempo presente após a “guerra” colocada pelos alunos. Nesse sentido a “força indígena” aqui, é colocada no sentido de vitimar os povos indígenas.

Ressalto aqui sobretudo, os estudos de Roger Chartier (2002), quando comenta que nenhuma representação é neutra, “estando colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (Chartier, 2002, p.17). Mas é importante retomar que estamos analisando desenhos de crianças com 11 a 12 anos. Classificar a representação de grupos indígenas como brutais ou mesmo selvagens, faz refletir sobre a ideia estereotipada que a maioria dos estudantes da turma carregam no seus consciente, mesmo após diversas aulas sobre a


temática. Segundo Carla Meinerz (2019), estereótipo pode se caracterizar como uma convenção “simplista baseada em generalizações, caracterizadas por um alto grau de fixismo e constância” (Meinerz 2019, p. 99), essa concepção é passível de paralelo com a historiografia indígena do século XX, segundo o professor Edson Kayapó (2019), o autor comenta que na prática essa temática “apresentava uma dubiedade entre o índio selvagem e a vítima da crueldade colonizadora, mas detentor de potenciais características que compõem a cultura nacional” (Kayapó, 2019, p. 19), Kayapó ainda comenta

Até recentemente, era ensinado nas escolas que o desaparecimento dos povos indígenas teria relação com a sua integração no processo colonial e a sua posterior “aculturação”, produzida por mudanças culturais progressivas, até que o desaparecimento se consumaria pela perda da identidade étnica e a definitiva integração desses povos à sociedade nacional (Kayapó, 2019, p.69).

Assim de modo geral, a turma apresentou uma concepção estereotipada acerca da cultura indígena, entretanto cada clube teve suas características históricas que devem ser analisadas de modo particular, seja pela criatividade das narrativas, pelos belíssimos desenhos ou mesmo pela relação histórica desenvolvida a partir do emblema e da narrativa. Mas não há espaço aqui para uma analisar os 18 clubes da Liga Aplicação, dessa forma me atenho apenas a um time para uma análise mais detalhada. A escolha deste se dá pela diferença de sua narrativa. Embora o estudante repetiu elementos que outros alunos na sala utilizaram, o seus argumentos para o uso foram ímpares. Assim, o conjunto do símbolo e da narrativa exemplificam de forma coerente, como o ensino de história indígena pode ocorrer por meio do desenvolvimento de um time de futebol. Abaixo coloco a parte de cima da ficha do estudante, para uma melhor observação do

seu escudo, nome e apelido. Optei por transcrever a narrativa do aluno para uma melhor compreensão do leitor. A ficha abaixo pertence ao estudante P¹⁰.

Figura 3: Natural Futebol Clube

FICHA DE CRIAÇÃO DE CLUBE ESPORTIVO INDÍGENA	
LIGA APLICAÇÃO	
ESCUDO:	DATA DE FUNDAÇÃO: 25/9/24
	NATURAL... FUTEBOL... CLUBE NOME DO CLUBE
	<input type="checkbox"/> FEMININO <input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO
	NATURA APELIDO DO CLUBE
	PRESIDENTE DO CLUBE: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
HISTÓRIA DE FUNDAÇÃO E DO ESCUDO:	

Fonte: Da autora, 2024.

Narrativa transcrita: “Meu time foi criado inspirado nas tradições e costumes indígenas. O verde representa o natural da vida e as folhas e plantas, por isso que o arco e flecha está na frente, ele simboliza a caçada do garani na mata. O azul representa os rios e lagos que também dão vida para as pessoas. O peixe representa a abundância de gols que o time vai ter. O marrom representa a terra que a casa deles e a árvore representa alimento que a natureza nos dá através das frutas e das árvores.” (Estudante P, 2024).

¹⁰ Neste texto o nome dos estudantes não será utilizado por privacidade, sendo utilizado apenas o nome do clube.

O “Natural Futebol Clube”, é um time masculino com o apelido de “Natural”, o seu escudo tricolor tem as cores, azul, verde e marrom, e como elementos símbolos o estudante desenhou um peixe, uma árvore e um arco e flecha. As justificativas para as escolhas de cada simbologia presente no escudo é o que chama a atenção, uma vez que o estudante faz articulações com a história indígena, descrevendo como cada elemento da natureza é importante para o povo guarani. Tensionando o pensamento de que o povo guarani faz parte da natureza, concomitantemente coloca em confronto como esses mesmos elementos são importantes para a população não-indígenas do tempo presente.

Analisando a narrativa de forma cronológica, se tem a frase “o verde representa o natural da vida”, concomitantemente esse trecho se intersecciona com o nome e o apelido do clube. Quando usa a palavra “vida”, não está claro a quem o estudante se refere, se é a vida da Terra ou a vida de quem está com os pés na Terra. Mas fato é, ao grafar o termo “natural da vida”, a concepção que a narrativa orienta a ter, é retomar aquilo que é original desta terra, sem alterações, domesticação ou dominação. É lembrar a partir de sua consciência histórica a percepção da terra sem as lentes da colonização, é demonstrar que os povos originários fazem parte desta natureza, de uma vida natural sem a dicotomia entre “vida X natureza”, que a cidade impôs. É retomar a união do tempo natural, do tempo originário, o que o estudante faz ao escrever essa frase é transformar esse “tempo” a partir da sua narrativa, e deixá-lo acessível à experiência humana (Silva, 2014) de imaginação.

Outro trecho de destaque no Natural Futebol Clube, é quando o estudante escreve “O azul representa os rios e lagos que também dão vida para as pessoas”, nesse excerto, é possível pensar no alimento vivo que rios e lagos nos oferecem para de forma simbiótica, que nós faz viver concomitantemente com essas águas, mas também pensar

no surgimento da vida a partir da cosmopercepção guarani, que foi lecionada em sala de aula. Na história da cultura guarani, a vida terrestre surge a partir de uma flecha que cai sobre as águas (Pereira, 2023). O que demonstra uma grande apropriação do conteúdo pelo estudante, uma vez que estas conexões só são possíveis a partir de um verdadeiro engajamento com o conteúdo estudado. É também o oceano que faz a separação da *Yvy Marãe Y*, ou como normalmente é traduzida na literatura a “terra sem males” da *Yvy* (terra imperfeita). Segundo entrevistas realizadas por Me. Gabriel Pereira (2023) na Terra Indígena Morro dos cavalos, após a morte as pessoas retornam a *Yvy Marãe Y*. De forma mais concreta tem-se o relato abaixo de um dos moradores da Terra Indígena Morro dos Cavalos, do município de Palhoça da região da grande Florianópolis

Acreditamos que para além do oceano existe a *Yvy Mara'ëyn*, a terra sem males, e a chegada nessa terra é a caminhada de nossas vidas. Por isso precisamos nutrir a terra de diversidade, movimentar e plantar nosso alimento, nos alimentar do que plantamos. Dessa forma, nutrimos a plenitude do espírito para que em nossa partida possamos atravessar o oceano na passagem para a Terra sem Males (TI Morro dos Cavalos 2023, p. 20, *apud* Pereira, 2023).

Além da contextualização acerca da “terra sem males”, outros destaque no relato coletado por Gabriel Pereira (2023), é a importância que o morador da Terra Indígena Morro dos cavalos (Palhoça/SC) coloca na “nutrição da terra”. Retomando que é esta terra que nos alimenta e que nos devemos alimentar, relação muito próxima aos argumentos elaborados no desenvolvimento do “Natural Futebol Clube.

Ressalta-se que a importância das águas para a cultura guarani dentro de sala de aula não foram bordada contendo os termos na língua de origem, embora foi explanado essa separação de “mundos” a partir do surgimento da bola, que na cosmovisão guarani teria sido criada por *Nhanderu Miri* antes de partir para o outro lado do oceano (Pereira, 2023). A intenção didática de trazer o surgimento da bola como marca de referência

para pensar o tempo e o espaço ocorre no modo de pensar como os estudantes processam a conceitualização (Caimi, 2007) da história.

Por fim, a frase final escrita pelo aluno também é digna de análise: “O marrom representa a terra que a casa deles e a árvore representa alimento que a natureza nos dá através das frutas e das árvores”, a primeira parte da frase, coloca um sentido histórico na utilização da cor marrom, operando uma “interpretação compreensiva que reelabora esse sentido como resultado da aprendizagem” (Martins, 2019, p.52). Afinal, é a partir dessa narrativa que o estudante demonstra produzir um sentido histórico (Freitas, 2019). Enquanto a segunda parte o aluno operacionaliza o termo “nós”, se inserindo dentro da narrativa, indicando assim um temporalidade presente, e se orientando temporalmente, além de atribuir sentido a sua existência, a partir da “história-conhecimento” (Silva, 2014, p.125).

Nesse sentido, ao partir do presente com as competências do pensamento histórico, o estudante se orienta para o futuro, pela apropriação reflexiva do passado e de seu contexto cultural (Martins, 2019) descrito. Ademais, ao analisar o clube em sua completude, se percebe que as cores e seus elementos descritos são a representação da natureza, de forma que tudo que está desenhado é de fato “natural”. Fazer do clube uma manifestação pela naturalidade das coisas, é interpretar que hoje florestas e matas são artificiais, por sua vez o alimento que ela nos dá (como coloca o fundador do clube), também é artificial. Por fim, o uso do termo “natural” propõe a retirada do manto superficial que separa a humanidade da terra (Krenak, 2019), sugerindo uma conexão entre o presente e o futuro.

Apito Final: Considerações da Partida

Trazer o futebol para dentro da sala de aula abre inúmeras possibilidades de trabalho, seja por seus atos políticos nos campos, suas camisas com manifestos, ações durante os hinos ou mesmo pelas simbologias presentes nos escudos dos times. O fato é que, ao abordar esse tema em sala, ocorre o engajamento da turma e um sentimento de coletividade entre os estudantes.

Ao desenvolver a proposta, propus-me a investigar como os discentes articulariam a história e a cultura indígena ao criar um time de futebol. Para minha surpresa, houve uma adesão de 78,3% da turma, evidenciando que o uso do futebol como temática forneceu um contexto mais familiar para os alunos. Os discentes se sentiram, em uma zona de conforto ao desenhar algo do seu cotidiano. A criação dos clubes não foi apenas uma atividade avaliativa sobre narrativas históricas; foi também uma interação com o meio físico, social e simbólico, na qual o estudante desempenhou um papel ativo (Caimi, 2007), demonstrando uma ressignificação histórica. Os clubes permitiram aos estudantes dar voz às suas interpretações e apropriações dos conteúdos lecionados nas aulas anteriores, de forma lúdica, criativa e de certa forma coletiva.

As narrativas dos estudantes revelaram que, embora no contexto geral da turma ainda predominam visões estereotipadas dos povos indígenas — vinculadas à força e à brutalidade —, foi perceptível, a partir dos desenhos e das narrativas desenvolvidas, uma apropriação da importância da natureza para os povos originários. Isso denota uma compreensão da cosmopercepção Guarani. A ferramenta utilizada para essa apropriação baseou-se em “oposições da narrativa mítica” (Freitas, 2019, p. 179). Para Freitas (2019, p. 179), esse modelo narrativo consegue envolver "emocionalmente as crianças e fornecer modelos explicativos (contextualizadores) aos conflitos dos próprios alunos e

do seu entorno." Ao vivenciarem os impactos das tentativas de "domesticação" da natureza, sobretudo os efeitos do aquecimento global, os estudantes puderam compreender que o uso exaustivo dos recursos naturais está relacionado à sociedade em que vivem. Em contrapartida, perceberam que outros grupos sociais, como os povos originários, valorizam o uso sagrado do meio ambiente. Essa dualidade — entre as sociedades não indígenas, que se veem separadas da natureza, e as sociedades indígenas, que se percebem pertencentes a natureza — traz uma perspectiva da Nova História Indígena, pois coloca as interpretações dos povos indígenas como “protagonistas da sua própria história” (Wittmann, 2015, p. 17). Foi essa interação que propiciou aos estudantes uma melhor apropriação da cosmopercepção Guarani.

Termino este artigo recordando o professor Airton Krenak, que dá aulas, realiza palestras, escreve livros e cumpre diversas outras atividades que caracterizam o cotidiano de um professor no Brasil. Apesar de sua intensa rotina, todas as ações de Krenak convergem para um único ponto: lembrar à humanidade sobre a importância de preservar a natureza, a Terra. Afinal, ela nos fornece recursos e, mais do que isso, é praticamente nossa mãe (Krenak, 2019). Ao fim de oito aulas de regência para o sexto ano, em uma escola situada em uma ilha permeada por prédios e trânsito caótico, crianças de 11 anos foram capazes de articular respeito e admiração pela natureza ao seu redor. Encantaram-se com as cosmopercepções indígenas apresentadas, percebendo formas alternativas de pensar o meio ambiente, fora da "caixinha ocidental". Enquanto Krenak tenta ensinar adultos a *Adiar o Fim do Mundo*, a Liga Aplicação já montou sua escalação e um quadro de táticas para *Adiar o Fim do Mundo*.

REFERÊNCIAS

- BENASSI, Isadora; PAZMINO, Ana Veronica. **O Design como meio de valorização do artesanato indígena Guarani**. 2017.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Entrevista: Gersem José dos Santos Luciano Gersem Baniwa. **Revista História Hoje**, v. 1, n. 2, p. 127, 9 abr. 2013.
- BOURDIEU, Pierre. “Programa para uma Sociologia do Esporte”. *In: Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.
- BROWN, Matthew. **Esportes na América do Sul: uma história**. 1 ed. São Paulo, SP: Editora Ludopédio, 2024.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. **Revista Tempo**, n. 11, p. 17-32, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhado. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- DaMATTA, Roberto e outros. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- FREITAS, Itamar. Narrativa Histórica. *In: FERREIRA, M. de M. & OLIVEIRA, M. M. D. (Coords.). Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 321-323.
- IVARRA ORTIZ, R. MACHADO, A. M. Na estrada da terra sem mal: história, memória e cosmologia. **Faces da História**, Assis-SP, v.5, n.2, p. 244-261, jul.-dez., 2018.
- KAYAPÓ, Edson. A diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil: o que a escola tem a ver com isso. **Educação em Rede**, v. 7, p. 56-80, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo** (Nova edição). Editora Companhia das Letras, 2019.
- MARTINS, Estevão. Consciência Histórica. *In: FERREIRA, M. de M. & OLIVEIRA, M. M. D. (Coords.). Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 401-403.
- MEINERZ, Carla. Estereótipo. *In: FERREIRA, M. de M. & OLIVEIRA, M. M. D. (Coords.). Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 187-189
- MORAES FERREIRA, Marieta de; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

PEREIRA, Gabriel. **Liga de Futebol Mbya Guarani de Santa Catarina**: território, mobilidade e cultura - Yvy Rupa, Djaguatá ha'e Nhandereko. Dissertação (Mestrado) – Universidade, 2023.

SILVA, Cristiani Bereta da. Usos do passado e o ensino de história a partir do presente. *In*: VARELLA, Flávia F. *et al.* (Orgs.). **História do Tempo Presente**: oralidade, memória, mídia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 117-139.

WITTMANN, Luisa. Introdução ou a escrita da nova história indígena. *In*: WITMAN, Luisa Tombini (org.). **Ensino (d)e História Indígena**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Endereço da Autora:

Emily Ethel Chika da Silva
Endereço eletrônico: emily.ethel101@gmail.com